

O LUGAR DE J. GRIMM NO *CLG*

J. GRIMM'S PLACE IN THE *CLG*

Raul de Carvalho Rocha¹
Núbia Rabelo Bakker Faria²
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

RESUMO

No *Curso de Linguística Geral* (1916), F. de Saussure faz, ocasionalmente, referências explícitas aos primeiros linguistas alemães, em especial a Franz Bopp, responsável pela publicação, em 1816, da obra considerada o marco fundador dos estudos linguísticos propriamente ditos, na qual foram demonstradas as relações de parentesco entre línguas europeias e asiáticas. Jacob Grimm, a quem é atribuída a descoberta da primeira “lei fonética”, entretanto, é mencionado apenas em dois momentos, em um dos quais de forma crítica pela confusão entre letra e som presente em seu trabalho. Todavia, a importante descoberta de Grimm a respeito da mutação consonantal observada no gótico em relação ao grego, ao sânscrito e ao latim constituiu a base sobre a qual se fundamentaram os linguistas do último quartel do século XIX em seu redirecionamento dos estudos linguísticos para a fonética e para as “línguas vivas”. Pretende-se com esse trabalho discutir a importância de Grimm para o advento da Linguística Indo-Europeia e demonstrar a repercussão da descoberta do autor alemão sobre o estabelecimento da disciplina em sua época e sobre os autores posteriores, incluindo o próprio Saussure, com destaque para a separação entre os estudos sincrônicos e diacrônicos, apesar das poucas menções ao autor alemão no *CLG*, que sugeririam uma contribuição pífia de sua parte para o estudo científico da língua. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, fundamentada sobretudo em Auroux *et al.* (2000), Campbell (1999), Morpurgo Davies (1998; 2004) e Saussure (2012 [1916]).

PALAVRAS-CHAVE: Saussure; Grimm; *CLG*; Sincronia; Diacronia.

ABSTRACT

In the *Course in General Linguistics* (1916), F. de Saussure occasionally makes explicit references to the first German linguistics, especially to Franz Bopp, responsible for the publication, in 1816, of the work considered the foundational book of the linguistic studies as such, in which relations of kinship between European and Asiatic languages were demonstrated. Jacob Grimm, who is credited with discovering the first “phonetic law”, however, is mentioned only in two moments, in one of which critically by the confusion between letter and sound present in his work. However, Grimm’s important discovery of the consonantal mutation noticed in the Gothic in relation to Greek, Sanskrit, and Latin was the basis upon which the linguists of the last quarter of the nineteenth century relied on their redirection from linguistic studies to phonetics and to “living languages”. This work seeks to discuss the importance of Grimm’s work in the advent of Indo-European Linguistics and to demonstrate the repercussion of the German author’s discovery in establishing the discipline in his time and on the subsequent authors, including Saussure, highlighting the separation between synchronic and diachronic studies, despite the few references to the German author in *CLG*, which would suggest a small contribution on his part to the scientific study of language. This is a bibliographical research, based on Auroux *et al.* (2000), Campbell (1999), Morpurgo Davies (1998; 2004) and Saussure (2012 [1916]).

KEYWORDS: Saussure; Grimm; *CLG*; Synchrony; Diachrony.

¹ Aluno de Iniciação Científica da Universidade Federal de Alagoas. Contato: raul.caarvalho@gmail.com

² Doutora em Letras e Linguística e Professora Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Contato: nrbfaria@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O *Curso de Linguística Geral* (1916), obra póstuma do linguista genebrino Ferdinand de Saussure (1857–1913),³ é considerado um marco para a historiografia linguística, sobretudo devido ao “corte epistemológico” que o mestre realizou quanto à percepção que se tinha acerca dos fatos da linguagem até então. Entretanto, a reflexão de Saussure esteve inserida no ambiente intelectual do século XIX, durante o qual, em se tratando dos estudos sobre a língua, prosperaram os trabalhos da Gramática Comparada e, ao final do século, os dos Neogramáticos (*Jungrammatiker*). Os últimos, embora se tenham voltado contra diversas das convicções de seus predecessores, como a visão romântica da busca pela origem da linguagem ou a tendência organicista de Friedrich Schleicher (1821–1868) — que o levou a considerar a língua um organismo natural —, notabilizaram-se por sua convicção sobre a regularidade das mudanças fonéticas. Fundamentaram-se eles na importante descoberta a respeito da mutação fônica sistemática realizada pelo germanista Jacob Grimm (1785–1863), principalmente após as suas “complementações”, nas décadas de 1860 e 1870, por Hermann Grassmann (1809–1877) e Karl Verner (1846–1896), responsáveis por elucidar as exceções à descoberta de Grimm (CAMPBELL, 1999).

É mérito de Grimm a formulação da primeira “lei fonética”, a chamada “Lei de Grimm”, conforme ficou conhecida pela posteridade a comprovação da mutação fônica sistemática observada na comparação entre o gótico, o grego, o sânscrito e o latim. Constatou o germanista que o gótico apresentava, em relação às demais línguas da família indo-europeia, uma inovação consonantal estruturalmente condicionada. Atribuiu ele tais transformações regulares a uma mutação ocorrida em um estágio anterior da protolíngua germânica em relação ao proto-indo-europeu. Os seus estudos sobre a língua germânica foram divulgados por meio da publicação, entre 1819 e 1837, de sua *Deutsche Grammatik* (*Gramática Germânica*), tendo sido na segunda edição de sua obra, de 1822, que autor anunciou à *intelligentia* que lhe foi coetânea a supracitada descoberta. O resultado foi a configuração dos estudos linguísticos em torno de sua constatação, particularmente pelos Neogramáticos. Para estes, a sistematicidade da mudança linguística adquiriu o *status* de “lei”, as chamadas “leis fonéticas”, consideradas transformações observadas no sistema linguístico que não admitiriam exceções. As exceções às leis fonéticas, por sua vez, constituíram uma grande problemática para os Neogramáticos, a qual não será detalhada neste trabalho, mas que influenciou particularmente os rumos dos estudos linguísticos (MORPURGO DAVIES, 1998; CAMPBELL, 1999; ROBINS, 1979).

Embora Ferdinand de Saussure reconheça no *CLG* a importância dos seus antecessores, inclusive Grimm, parece reservar-lhe uma posição periférica, mencionando-o explicitamente somente em duas passagens de sua obra — em uma das quais de forma crítica. Em contrapartida, afirmou fortemente a importância de outro comparatista alemão, Franz Bopp (1791–1867), que realizou os seus estudos em concomitância com os de Grimm. Pretende-se com esse trabalho problematizar a importância de Grimm para o advento da Linguística Indo-Europeia e demonstrar a repercussão da descoberta do autor alemão sobre o estabelecimento da disciplina em sua época. Desenvolver-se-á a problemática em duas direções: em um primeiro momento, será explorado o lugar conferido a Grimm no *CLG*; no segundo momento, será avaliado o impacto da “Lei de Grimm” para a história dos estudos linguísticos, inclusive para o próprio Saussure, com destaque para a separação entre os estudos sincrônicos e diacrônicos

³ Aqui, assumiu-se ser o *CLG* uma “obra saussuriana” em um sentido amplo, isto é, reconhecendo ser esse o livro que possibilitou a circulação das ideias saussurianas que tiveram forte influência sobre a Linguística do século XX.

1 Grimm e o *CLG*: um lugar periférico

No capítulo primeiro da introdução do *Curso de Linguística Geral*, “Visão geral da história da Linguística”, dedicado a uma breve apreciação sobre os estudos linguísticos de seus antecessores, Saussure (2012 [1916]) reconheceu que “a ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de conhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto”. Entre essas três fases, por sua vez, o autor excluiu as Gramáticas Racionalistas dos gregos e dos franceses — por ser “baseada na lógica e desprovida de qualquer visão científica” —, e a Filologia alemã do século XVII, por sua excessiva preocupação com a interpretação dos textos estudados e pela pouca atenção concedida às línguas em si. O terceiro momento, este, sim, inserido na perspectiva científica, “começou quando se descobriu que línguas podiam ser comparadas entre si”. Trata-se da “Filologia Comparada ou da ‘Gramática Comparada’” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 31-2).

A partir desse momento, vê-se Saussure refletir, com especial atenção, sobre a obra do comparatista alemão Franz Bopp, *Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache* (1816), em que o autor “estudou as relações que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim, etc.”. Reconhecendo o fato de que “Bopp não era o primeiro a assinalar tais afinidades e a admitir que todas essas línguas pertenciam a uma única família” — o que havia sido anunciado por William Jones (1746–1794), em 1786 —, Saussure prosseguiu a constatar que “algumas afirmações isoladas” não representavam que, em 1816, “houvessem sido compreendidas a significação e a importância dessa verdade”. Portanto, embora Bopp não tivesse “o mérito da descoberta de que o sânscrito é parente de certos idiomas da Europa e da Ásia [...] foi ele quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria de uma ciência autônoma”, nas palavras do autor genebrino. “Explicar uma língua por meio de outra, explicar as formas de uma pelas formas da outra, eis o que não fora feito ainda”, prosseguiu F. de Saussure (*Op. cit.*, p. 32).

Jacob Grimm, um germanista contemporâneo a Bopp, desenvolveu trabalho igualmente importante e Saussure o reconheceu ao afirmar que “desde o início, vê-se surgirem, ao lado de Bopp, linguistas eminentes”, entre os quais Grimm, a quem chamou “fundador dos estudos germânicos” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 33). Esse, porém, é o único momento em que Grimm é mencionado de modo que o seu trabalho é verdadeiramente reconhecido. O segundo momento em que o autor é referido é de forma crítica devido à confusão entre letra e som que se verificou em sua *Deutsche Grammatik* (*Gramática Germânica*), conforme a citação:

Os sucessores de Bopp caíram na mesma cilada; a grafia *th* da fricativa *p* fez Grimm crer não somente que esse som era duplo, mas, inclusive, que era uma oclusiva aspirada; daí o lugar que *lhe* assinala na sua lei da transformação consonântica ou *Lautverschiebung* (*Op. cit.*, p. 59).

Embora Bopp tenha cometido equívoco semelhante, e o próprio Saussure (2012 [1916]) o reconheceu, a posição que *lhe* é concedida no *CLG* é de extrema relevância se comparada à reservada a Grimm. Bopp, evidentemente, foi um autor seminal para a fundação da Linguística e não se contestará a sua posição. A problemática colocada em evidência é o fato de Grimm, que, similarmente a Bopp, conseguiu demonstrar os fatos da língua por si, para além de ter fornecido as bases da Linguística Histórica do século XIX — conforme será exposto mais adiante — ter, à primeira vista, ocupado no *CLG* uma posição periférica, silenciando a repercussão da descoberta deste autor na reflexão saussuriana.

2 A “revolução epistemológica” da “Lei de Grimm”

Grimm é particularmente associado à descoberta da mutação fonética sistemática das línguas germânicas em relação às indo-europeias, a chamada “Lei de Grimm”, embora tenha ele

desenvolvido trabalhos linguísticos e literários diversos, como a compilação e publicação de contos infantis extraídos do folclore alemão (KOERNER, 1990). Para a historiografia linguística, porém, o autor foi um dos protagonistas da Linguística do século XIX e o responsável por introduzir a dimensão histórica nos estudos da linguagem (AUROUX, 2000, p. 159), a ponto de provocar a reconfiguração dos trabalhos realizados em seu tempo e sua forma de designação. Conforme declarou Bréal (1882, p. 297), em referência ao desenvolvimento das pesquisas de Grimm pelos linguistas posteriores, “é assim que nossa ciência tem avançado constantemente e, cada vez mais, tendido a mudar a sua designação de Gramática Comparada, que se pode prestar a equívocos, para o seu verdadeiro desígnio, Gramática Histórica”. Mencione-se, ainda, que Bréal (1882, p. 296) atribuiu o começo da Linguística ao estudo das leis fonéticas, das quais a “Lei de Grimm” foi o “protótipo” (cf. LEROY, 1989, p. 31-2), vindo a configurar “a base e estrutura da família indo-europeia e de outras famílias linguísticas”, conforme Robins (1979, p. 138).

Os estudos de Jacob Grimm sobre a língua caracterizaram-se pela ênfase concedida à análise histórica do grupo germânico e à fonética. Grimm compartilhava a crença, comum à época, de que as formas das línguas modernas apenas poderiam ser compreendidas a partir do estudo de estágios anteriores (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 138). Tendo obtido acesso à extensa quantidade de dados das línguas germânicas distribuída em uma sequência de catorze séculos, o linguista pôde acompanhar o desenvolvimento da supracitada família linguística, atentando-se às transformações sonoras por que passavam as línguas em estados sucessivos, especialmente as consoantes obstruentes (KOERNER, 1990, p. 8). Essa foi uma inovação metodológica em Linguística, visto que os esforços de seus contemporâneos se detiveram ao estabelecimento de relações genealógicas por meio da comparação gramatical e à classificação de fases linguísticas (CÂMARA JR., 1975, p. 40). Em 1822, o autor publicou a segunda edição de *Deutsche Grammatik (Gramática Germânica)* — a primeira é datada de 1819 —, na qual anunciou a sua constatação. Àquelas transformações, Grimm chamou “mutações fonéticas” (“*Lautverschiebung*”) — posteriormente nomeadas “Lei de Grimm” —, evidenciando a regularidade com que se realizavam as mudanças, para além da correlação das línguas germânicas com as línguas não-germânicas comparadas (AUROUX *et al.*, 2000, p. 160-1) — que, mais tarde, chamar-se-iam línguas “indo-europeias” (ROBINS, 1979). Sintetizemos os dados do linguista:

Tabela 1

Grego	P	B	F	T	D	TH	K	G	CH
Gótico	F	P	B	TH	T	D	H	K	G
Antigo alto-alemão	B	F	P	D	Z	T	G	CH	K

(Fonte: AUROUX *et al.*, 2000, p. 160)

De acordo com Grimm, observando-se dois estados de línguas pertencentes ao grupo germânico, o gótico e o alto-alemão antigo, é possível notar a transformação das consoantes aspiradas (*f, th, b*) do gótico em médias (*b, d, g*) no alto-alemão antigo; a evolução das consoantes surdas (*p, t, k*) do gótico para aspiradas (*f, ch, z*) em alto-alemão antigo; e, por fim, a passagem das consoantes médias (*b, d, g*) do gótico para surdas (*p, t, k*) em alto-alemão antigo. Um recuo no curso histórico e a introdução da língua grega à comparação revelavam, também, mutações sistemáticas, de modo que as consoantes aspiradas (*f, th, b*) do gótico eram análogas às surdas (*p, t, k*) do grego, enquanto as consoantes surdas (*p, t, k*) do gótico correspondiam às consoantes médias (*b, d, g*) do grego, e as consoantes médias (*b, d, g*) do gótico se correlatavam às aspiradas (*f, th, ch*) gregas. A inclusão do sânscrito e do latim à comparação revelou transformação consonântica igualmente regular:

Tabela 2

Grego	P	B	F	T	D	TH	K	G	CH
Gótico	F	P	B	TH	T	D	H	K	G

Latim	P	B	F	T	D	T	C	G	H
Sânscrito	P	B	BH	T	D	DH	S	J	H

(Fonte: LYONS, 1979, p. 27)

Grimm percebeu que o gótico comportava os fonemas *f*, *p*, *th* e *t* enquanto outras línguas da família indo-europeia invariavelmente comportavam, respectivamente, os fonemas *p*, *b*, *t* e *d* (LYONS, 1979). Portanto, enquanto em gótico vê-se “*fadar*”, por exemplo, em latim, em grego e em sânscrito há “*patér*”, “*pater*” e “*pitár*”, nesta ordem. O que se verificou, pois, foi uma série de correspondências sistemáticas entre uma língua germânica e línguas não-germânicas. A hipótese que Grimm formulou para dar conta dos resultados foi a de que ocorrera, em algum período remoto da protolíngua germânica, uma alteração fonética em relação ao proto-indo-europeu. Portanto, as consoantes aspiradas (*bh*, *dh*, *gh*), sonoras (*b*, *d*, *g*) e surdas (*p*, *t*, *k*) do proto-indo-europeu passaram, respectivamente, a consoantes sonoras (*b*, *d*, *g*), surdas (*p*, *t*, *k*) e aspiradas (*ph*, *th*, *kh*) no proto-germânico (LYONS, 1979).

O postulado de uma transformação consonântica a partir da correspondência entre línguas marcou o reconhecimento da sistematicidade da mudança linguística, isto é, de que as transformações a nível fônico obedeciam a processos regulares de inovação (FARACO, 2007, p. 136). Isso revelou a obediência da língua a *princípios internos* de funcionamento e desenvolvimento,⁴ pois colocou em evidência a mudança linguística enquanto um dos fenômenos da “vida das línguas” (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 143-4). Para Auroux (2006, p. 82), a descoberta de Grimm constituiu uma “genuína revolução epistemológica” e forneceu os “princípios basilares do Comparatismo”, a saber, “a unidade da mudança não é mais a palavra, é o fonema, [a mudança] se dá em todas as ocorrências do fonema considerado, é orientada e particular a cada língua — ou, ao menos, a um determinado grupo de línguas, como o caso das línguas germânicas”. Essa forma de conceber a mutação haveria de tornar-se uma “lei” em Linguística no final do século XIX (ROBINS, 1979, p. 148), especialmente após a descoberta da razão às aparentes exceções à “Lei de Grimm”. Conforme observou Campbell (1999, p. 142),

A “Lei de Grimm”, a primeira a ser publicada (em 1822), foi bastante geral e abrangeu a maior parte das correspondências fonéticas encontradas em uma série de estágios entre línguas germânicas e não-germânicas. No entanto, conforme fora inicialmente formulada, parecia haver exceções. Quando Hermann Grassmann descobriu a sua lei (em 1862), um grande número dessas “exceções” foi explicado, e, posteriormente, Karl Verner, por meio da “Lei de Verner” (em 1877), explicou a maior parte das “exceções” restantes. O êxito na explanação do que originalmente aparentavam serem exceções fez com que os Neogramáticos considerassem a mudança fonética regular e sem qualquer exceção. Essa é uma das mais significativas conclusões na história da Linguística.

Portanto, as exceções à “Lei de Grimm” e o seu posterior esclarecimento reforçaram o princípio da regularidade da evolução fonética e de seu caráter estrutural; isto é, a mutação afetava os mesmos fonemas em todas as expressões de uma língua (ou dialeto), se o ambiente linguístico fosse propício (CAMPBELL, 1999, p. 198; ROBINS, 1979, p. 148). Esse princípio adquiriu bastante credibilidade a partir de 1870, a ponto de toda a Linguística do século XIX ter-se assentado sobre ele (ROBINS, 1979, p. 148; MORPURGO DAVIES, 2004, p. 14). Conforme notou Edgar H. Sturtevant (1917, p. 72), foi a descoberta da regularidade das leis fonéticas que possibilitou uma “Filologia Comparada”, e o próprio Saussure não escapou das consequências teóricas predominantes àquele momento, conforme Morpurgo Davies (2004, p. 14) relatou:

⁴ “[...] these are great events in the history of our language and neither is without inner necessity” (GRIMM *apud* MORPURGO DAVIES, 1998, p. 139).

Saussure observou, em uma fase posterior, [que] é surpreendente que, se um som [x] transformar-se em [y] em determinados período e expressão, o fonema [x] há de transformar-se em [y], no mesmo período, em todas as outras expressões em que se dá a sua ocorrência.

Com os Neogramáticos, o estudo das leis de mudança fonética recebeu especial atenção. Recusando as concepções românticas e organicistas de grande parte de seus antecessores, assim como a comparação apenas para fins genealógicos, os Neogramáticos priorizaram o estudo das mudanças em relação à simples comparação (MORPURGO DAVIES, 2004, p. 16) e desviaram a ênfase da *Ursprache* e da “carregada atmosfera de hipóteses onde se forjam as raízes do indo-germânico” para as línguas modernas, que permitiriam “obter uma correta representação da vida e transformações das formas linguísticas” (OSTHOFF; BRUGMANN *apud* ROBINS, 1979, p. 149) e apreender as leis fonéticas. Convictos da ação do uniformitarismo linguístico, isto é, a atuação de um mesmo princípio interno na mutação fonética nas diversas fases de uma mesma língua, eles acreditavam que a apreensão, a partir das línguas modernas, das motivações da mudança permitiria a reconstrução de formas antigas (MORPURGO DAVIES, 2004, p. 16). Conforme percebeu Henry Sweet (*apud* CAMPBELL, 1999, p. 187), tornou-se um axioma da Linguística do século XIX que “a vida real das línguas é, em muitos aspectos, mais claramente observada, e o seu estudo mais eficiente, a partir dos dialetos e das formas coloquiais da fala do que das línguas literárias altamente desenvolvidas”.

A ação das leis fonéticas, por sua vez, não se mostrou absoluta, de tal maneira que os Neogramáticos buscaram explicar as diversas exceções que se lhes apresentavam por meio dos empréstimos linguísticos ou da analogia. Esta última fora evocada para explicar as irregularidades que se observavam na ação das leis fonéticas a partir da regularização, sob o paradigma gramatical, de formas que se tornaram irregulares devido à “atividade cega” da mudança (ROBINS, 1977, p. 323-7). Assim, conforme Sturtevant (1947, *apud* ROBINS, *op. cit.*, p. 328) o anunciou, “as leis fonéticas são regulares, mas produzem irregularidades. A criação analógica é irregular, mas produz regularidade”. Isto, nas palavras de Caussat (*apud* CRUZ, 2016, p. 70), colocou a Linguística diante de “dois domínios igualmente marcados de legalidade, mas com funções inversas”, o que se transformou, de fato, em um impasse para os Neogramáticos. A analogia revelou, portanto, nas palavras de Cruz (*Op. cit.*, p. 71), “a existência de um domínio que, para além das leis fonéticas, remete às restrições da língua viva”, isto é, da língua percebida pelos falantes. Aqui, esse impasse não será esmiuçado, e isto basta para que possamos voltar ao *CLG* e analisarmos os desdobramentos, em Saussure, de tudo o que foi exposto até então. No entanto, em um sentido muito particular, é possível entender a afirmação de Auroux (2006) de a lei de Grimm provocar uma “revolução epistemológica”, na medida em que, para além da descoberta da “lei” propriamente dita, chegou-se àquilo que dela escapa, isto é, o reconhecimento da ação do sujeito falante, que terá consequências determinantes na reflexão de Saussure, notadamente na separação entre os estudos sincrônicos e os estudos diacrônicos.

3 O *CLG* e Grimm: a repercussão de uma descoberta

Se Saussure tornou-se conhecido no século XX, por meio do *Curso de Linguística Geral*, como o fundador da Linguística Moderna e como o autor que despertou a atenção para o estudo sincrônico da língua, é preciso, entretanto, assinalar que ele foi efetivamente um linguista do século XIX e que não praticou outro estudo senão aquele inaugurado por Bopp e desenvolvido ao longo deste século (MILNER, 2012, p. 51), isto é, a Linguística Histórico-Comparativa. No entanto, conforme demonstrou Milner (2012, p. 52), foi em sua tentativa de legitimar esta ciência e de expor as suas condições gerais que Saussure descobriu que aquela não era a única forma possível de se abordar o fenômeno linguístico e estudá-lo cientificamente. Como pretendemos

colocar em discussão, Grimm teve um papel fundamental para o que surgiu como uma virada dos estudos linguísticos associada ao nome de Saussure.

As poucas menções do genebrino ao autor alemão, em relação às feitas a outros autores, despertam a atenção para a sua posição enquanto linguista do século XIX. Se Saussure mencionou pifamente Grimm de modo explícito no *CLG*, são as entrelinhas de suas discussões sobre a Linguística Histórica (mais tarde, Diacrônica) que trazem à tona, de certo modo, a ressonância da descoberta do germanista ou, ao menos, das consequências teóricas que a sua lei de mudança fonética provocou para a Linguística Indo-Europeia. A declaração anterior de Morpurgo Davies (2004) foi bastante esclarecedora a esse respeito, mas nos debruçemos mais sobre esse fato para demonstrarmos com maior clareza o que se está a afirmar.

Em “As mudanças fonéticas”, o capítulo segundo de “Linguística Diacrônica”, parte terceira do *CLG*, o autor genebrino não hesitou em considerar o caráter estruturalmente condicionado da transformação sonora:

Sucesso isolado [a transformação do fonema], como todos os sucessos diacrônicos, mas que tem por consequência alterar de maneira idêntica todas as palavras em que figure o fonema em questão; é nesse sentido que as mudanças fonéticas são absolutamente regulares [...] Os fenômenos fonéticos, longe de serem sempre absolutos, estão na maioria das vezes ligados a condições determinadas (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 197).

Já se demonstrou que essa foi uma constatação que esteve intrinsecamente vinculada à descoberta de Grimm. Ao anunciar uma série de correspondências entre fonemas de uma língua germânica e de línguas não-germânicas, Grimm descobriu um princípio interno de mutação fônica em que a transformação apenas ocorria se em conformidade com determinadas condições estruturais. Nas palavras de Auroux e outros (2000, p. 161-2), “as mutações germânicas aparecem claramente, com Grimm, como fatos do sistema [linguístico]” e não apenas fez conhecer mais um fenômeno do sistema linguístico, mas “mudou radicalmente o ponto de vista através do qual se podia observar o fenômeno”. Apesar das aparentes exceções que o autor encontrou, e que o fizeram crer que a mutação não ocorria de forma absoluta, a sua “lei” reforçou a crença dos Neogramáticos na ação mecânica da mudança fonética, particularmente após a elucidação das exceções a partir de 1860. É possível constatar as ressonâncias dessa conclusão em passagens do *CLG*. Na seção “Condições das mudanças fonéticas”, encontramos Saussure (2012 [1916], p. 198) a declarar que “[...] não é a espécie fonológica que se transforma, mas o fonema tal como se apresenta em certas condições de contexto, de acentuação, etc.”. Trata-se este, pois, de um dos fenômenos próprio à natureza do objeto da Linguística, isto é, a Língua.

À Linguística Histórica, Saussure atribuiu o mérito de dar “à comparação o lugar que exatamente lhe cabe” e, por conseguinte, fez nascer “a Linguística propriamente dita”. Aos Neogramáticos, coube “colocar em perspectiva histórica todos os resultados da comparação, e por ela encadear os fatos em sua ordem natural” (*Op. cit.*, p. 35-6). Afinal, Saussure afirmou que a Gramática Comparada “não chegou a constituir a verdadeira ciência da Linguística”, pois, além de nunca se ter preocupado em “determinar a natureza de seu objeto”, também não refletiu “a que levavam as comparações que fazia, que significavam as analogias que descobria” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 34). Com isso, evidenciou a incapacidade de o método comparativo, por si só, revelar a natureza da língua, de modo que a “conclusão escapava tanto a esses comparatistas quando consideravam o desenvolvimento de duas línguas como a um naturalista o crescimento de dois vegetais”. E prosseguindo, “[a Gramática Comparada] foi exclusivamente comparatista, em vez de histórica” (*Op. cit., ibidem*). De fato, encontram-se nos Neogramáticos reflexões sobre a natureza do fenômeno linguístico, de modo que a afirmação do princípio da regularidade tornou-se, na realidade, uma “necessidade metodológica” (ROBINS, 1979, p. 154). “Se admitirmos que as mudanças são facultativas, contingentes e desconexas,

estaremos afirmando que o nosso objeto de pesquisa, a linguagem, não pode receber um tratamento científico”, anunciou Leskien (*apud* ROBINS, 1979, p. 149).

Entretanto, a Linguística Histórica, para além de uma nova abordagem ou da simples apreensão de um fenômeno da vida das línguas, como a mutação sistemática, revelou aos linguistas outro fenômeno extremamente relevante: a “reorganização” dos sistemas linguísticos. Ora, como Bréal (1882) o assinalou, “a história das línguas [...] nos mostrou, através das perdas que os diversos idiomas sofreram, as modificações que sofreu [o sistema] quanto ao uso das formas restantes” (*Op. cit.*, p. 296), ao mesmo tempo em que permitiu ao linguista observar que “as línguas não são corpos inertes sem resistência à ação do tempo e das leis fonéticas, recuperando-se das ações desses dois agentes de destruição e, de tempos em tempos, reconstituindo-se como um novo organismo” (*Op. cit.*, p. 327). A constatação da reorganização do sistema permite que a reflexão se dirija ao estado da língua em que se situa o sujeito falante, isto é, o que Saussure nomeia de *sincronia*. O reconhecimento da Linguística Histórica como crucial para a percepção da necessidade de uma Linguística Estática é encontrado, no *CLG*, em diversas passagens. Afinal, Saussure declarou que a Linguística Histórica contribuiu para que os estudos linguísticos regressassem ao “ponto de vista estático da Gramática tradicional”, que visavam à descrição de estados de línguas, “mas com um espírito novo e com outros processos”. Tentemos entendê-lo.

Saussure reconheceu que “um dado estado de língua é sempre produto de fatores históricos” e, enquanto tal, estabelece com esses fatores uma interdependência, na medida em que são as mudanças fonéticas que permitem às línguas passarem de um estado a outro (*Op. cit.*, p. 219). Entretanto, o caráter regular das mudanças fonéticas provoca mutações de ordem gramatical. Isto significa que os fenômenos fonéticos têm por primeira consequência “romper o vínculo gramatical que une dois ou vários termos”, pois, dada a sua regularidade, “afeta qualquer espécie de signo” sem fazer distinções entre as categorias gramaticais. Logo, as transformações fonéticas provocam “perturbação profunda ao organismo gramatical”, as quais lhes são estranhas (*Op. cit.*, p. 126, 206-8), de modo que o estudo histórico necessariamente faz abstração de seu caráter gramatical e, por conseguinte, da significação das palavras.

Com efeito, a evolução dos sons é incompatível com a noção de estado; comparar fonemas ou grupos de fonemas com o que foram anteriormente equivale a estabelecer uma Diacronia [...]. O caráter diacrônico da Fonética concorda, muito bem, com o princípio de que nada do seja fonético é significativo ou gramatical [...]. Para fazer a história dos sons de uma palavra, pode-se ignorar-lhe o sentido, considerando-lhe apenas o invólucro material, e cortar frações fônicas sem perguntar se elas têm significação (*Op. cit.*, p. 193-4).

No entanto, se as mudanças fonéticas, devido à sua regularidade, atingem signos diversos e provocam perturbações nas unidades gramaticais, seu efeito “é contrabalanceado pela analogia”. Conforme foi mencionado, a analogia foi uma das proposições evocadas pelos Neogramáticos para explicar as exceções às leis fonéticas. Assim, enquanto as mudanças fonéticas contribuíam para “afrouxar os vínculos gramaticais que unem as palavras entre si”, criando irregularidades no paradigma morfológico, a analogia interviria na “ação diversificante da mudança fonética” e unificaria novamente as formas. Como resultado, reestabelecer-se-ia a sua regularidade. Ora, mas a analogia é uma “criação” linguística realizada por meio da comparação de formas em um dado estado de língua. Trata-se, portanto, de um fenômeno de ordem psicológica e gramatical, pois “supõe a consciência e a compreensão de uma relação que une as formas entre si” (*Op. cit.*, p. 217-21). Se “na passagem fonética do *s* intervocálico a *r*, em latim”, por exemplo, não há a intervenção da comparação entre formas nem do sentido das palavras, de modo que “é o cadáver da forma *honōsem* que passa a *honōrem*”, por sua vez, “para explicar o

aparecimento de *honor* em face de *honōs*, cumpre invocar outras formas”, e Saussure o exemplificou matematicamente:

$$\begin{aligned} \text{Orátorem} : \text{orátor} &= \text{honōrem} : x \\ x &= \text{honor} \end{aligned}$$

Em suas palavras, “o radical tinha, desde então, uma forma dupla; tal dualidade [*honos* e *honōrem*] foi eliminada por uma nova forma *honor*, criada sobre o modelo de *orator* : *oratore* [...]”, mas “essa combinação não teria sentido se o espírito não lhe associasse, por seus sentidos, as formas que a compõem”. A analogia, portanto, pressupõe uma comparação entre termos coexistentes e, por conseguinte, é “inteiramente gramatical e sincrônica”. Afinal, trata-se de um fenômeno no qual “as unidades vivas, sentidas pelos falantes, a um momento dado” produzem, por si só, formações analógicas (*Op. cit.*, p. 217-8, 222-3, 228). A analogia, portanto, revelou a existência de outro domínio, o da língua percebida pelos falantes, e não pelo linguista, responsável pela comparação de “diferentes momentos de uma língua, a fim de apreender as leis da evolução dos sons independentemente de seu uso por um sujeito” (CRUZ, 2016, p. 71). Nas palavras de Normand (2009, p. 92), este fenômeno representou, para Saussure, uma “experiência reveladora do funcionamento ordinário da língua”. Isto porque demonstrou como os falantes operam com os elementos linguísticos e quais relações são estabelecidas entre os elementos, o que apenas pode ser percebido em um estado de língua.

À parte a analogia, as próprias condições das mudanças fonéticas, ora combinatórias, ora espontâneas, como Saussure o defendeu, também tiveram especial importância nesta compreensão, visto que revelaram algo das relações estabelecidas no interior de um sistema linguístico. Assim, as primeiras são motivadas pela presença de um ou vários fonemas, enquanto as segundas, por uma causa interna. Entretanto, “se um fato fonético é combinatório, é sempre condicional; mas quando é espontâneo, não é necessariamente absoluto, pois pode ser condicionado negativamente pela ausência de certos fatores de mudança”. Aqui, percebe-se a reafirmação do caráter estrutural da mutação. Fazendo menção à “Lei de Verner”, segundo a qual “em germânico, todo *p* não inicial mudou-se para *ð* se fosse seguido de acento”, Saussure afirmou ocorrer um fenômeno muito diferente: “Em germânico, como em latim, *p* tendia a sonorizar-se espontaneamente no interior da palavra; somente o acento colocado na vogal precedente o pôde impedir”. Com isso, afirmou ser o fato espontâneo, “não combinatório, e o acento é um obstáculo, em vez de ser a causa provocadora”. Neste sentido, “verifica-se, com efeito, que a um dado momento, em uma dada região, todas as palavras que apresentem uma mesma particularidade fônica são atingidas pela mesma transformação” e as aparentes exceções “se explicam seja por leis fonéticas mais especiais [...], seja pela intervenção de fatos de outra ordem (analogia, etc.)” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 136).

Um grave erro metodológico, evocado por Saussure, embora não relacionado “com os princípios expostos anteriormente”, consistia na formulação de leis fonéticas no presente, como se os fatos por elas abrangidos “existissem de uma vez para sempre”, em vez de serem situados enquanto fenômenos de “uma porção do tempo” (*Op. cit.*, p. 199-201). Saussure demonstrou, portanto, a língua enquanto um sistema de relações entre signos, no qual a ausência ou presença de uma unidade possui *função linguística* em um *dado momento*. Nas palavras de Benveniste (1976),

A novidade do enfoque saussuriano [...] consistiu em tomar consciência de que a linguagem em si mesma não comporta nenhuma outra dimensão histórica, de que é sincronia e estrutura, e de que só funciona em virtude da sua natureza simbólica. Não é tanto a consideração histórica que se condena aí, mas uma forma de “atomizar” a língua e de mecanizar a história. O tempo não é o fator da evolução, mas tão-somente o seu quadro. A razão da mudança que atinge esse elemento da língua está, de um lado, na

natureza dos elementos que a compõem em um determinado momento, de outro lado nas relações de estrutura entre esses elementos (*Op. cit.*, p. 5).

Neste sentido, as relações estabelecidas entre termos em um dado estado linguístico sofrem alterações à medida que um elemento passa por uma inovação. Afinal,

A solidariedade de todos os elementos faz com que cada incidência sobre um ponto atinja todo o conjunto das relações e produza, mais cedo ou mais tarde, um novo arranjo. Daí, consistir a análise diacrônica em estabelecer duas estruturas sucessivas e em destacar-lhes as relações, mostrando-se que partes do sistema anterior eram atingidas ou ameaçadas e como se preparava a solução realizada no sistema ulterior (BENVENISTE, 1976, p. 10).

Saussure deu-se conta, portanto, de que analisar as mudanças das formas linguísticas e as consequências, em uma dada língua, da mutação constituem dois estudos completamente diferentes (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 142). O primeiro, para além de estudar a fonética, e apenas ela, não consegue dar conta mais que de uma forma e as suas respectivas transformações (*Op. cit.*, p. 121, 193); o segundo, por sua vez, abstraindo-se da transformação, enfatiza não mais a mudança, mas a consequência daí resultante e, portanto, vale-se do estudo gramatical para fazê-lo, dando conta de termos que coexistem em um dado momento (*Op. cit.*, p. 121). Afinal, as leis fonéticas alteram formas de categorias gramaticais diversas, mas essas alterações apenas atingem “um ou outro” elemento do sistema, e nunca o “bloco do sistema”, de modo do “só podem ser estudadas fora do sistema”. Apesar da repercussão das alterações no sistema, “o fato inicial [...] afetou um ponto apenas; não há nenhuma relação interna com as consequências que se podem derivar para o conjunto”. Portanto, “seja qual for o número de casos” nos quais se verifiquem a sua ação, “todos os fatos [...] são somente manifestações de um único fato particular” (*Op. cit.*, p. 128-36). À Linguística Diacrônica, pois, reservar-se-ia o estudo de “uma coisa por vez”, em que “estão situadas todas as coisas do primeiro [o eixo das simultaneidades, isto é, a Sincronia] com suas respectivas transformações”. A “profunda perturbação” gerada em um dado estado de língua pela mudança fonética, portanto, não pode ser tratada pela Linguística Histórica. Consequentemente, Saussure percebeu a necessidade de uma nova metodologia, que se ocuparia exatamente das consequências da mudança fonética em um dado estado de língua, inclusive gramaticais, “pois é somente pelos estados de línguas que se estabelecem as diferentes relações que incumbem à Gramática” (*Op. cit.*, p. 145).

O estudo dessas consequências, porém, exige não somente que se observe a língua em um dado momento, mas também que sejam abarcados todos os termos que são por ela afetados — e todos os demais com os quais os termos afetados estabeleceram relações para formarem um novo sistema — e que resultam em um estado fortuito, em que “o espírito se insufla em uma matéria dada e a vivifica” (*Op. cit.*, p. 127); trata-se do estudo das novas relações que serão estabelecidas entre as unidades linguísticas após a ação de uma transformação fonética regular. Para isso, é necessário abstrair-se da mudança e observar apenas o “comportamento” da língua na reorganização do sistema. Caberia à Linguística Sincrônica assumir o estudo das “relações entre coisas coexistentes, de onde toda a intervenção do tempo se exclui”, e as mudanças não mais interessariam como “processo”, mas “somente por suas consequências para o sistema” (*Op. cit.*, p. 121; NORMAND, 2009, p. 92).

Ora, foi exatamente a inexactidão quanto à perspectiva em que “a linguística iniciada por Bopp”, desenvolvendo-se “em um terreno mal delimitado”, que Saussure criticou por “não ter sabido distinguir claramente entre os estados e as sucessões”. Entretanto, a Linguística, ao conceder “um lugar bastante grande à História [...] revelou uma nova ordem dos fenômenos” e “voltará ao ponto de vista estático, mas com um espírito novo e com outros processos”. Foi exatamente o método histórico que permitiu esse novo espírito em Linguística, pois fez, mesmo

que “por via indireta”, compreender melhor os estados de uma dada língua (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 121-4). Propondo, portanto, “uma abordagem não-histórica, descritiva e sistemática da Língua”, isto é, sincrônica, Saussure instaurou o “corte epistemológico” provocado pela publicação de sua obra (PAVEAU; SARFATI, 2006 [2003], p. 63). Tem-se, assim, as duas ordens dos fenômenos, os dois pontos de vista de análise, a “dualidade interna” da Linguística. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 124, 142).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se as poucas menções explícitas feitas por Saussure em seu *Curso de Linguística Geral* a Grimm fazem supor um lugar periférico deste na constituição da Linguística, uma análise acurada desconstrói facilmente essa impressão. Afinal, se a “Lei de Grimm” representou uma “revolução epistemológica”, conforme afirmou Auroux (2006, p. 82), fê-lo mais pelo impacto que provocou sobre a Linguística do final do século do que sobre o próprio autor. “Como todas as grandes descobertas, a importância da Lei de Grimm é calculada a partir das suas consequências para o desenvolvimento do conhecimento subsequente”, em suas palavras (AUROUX *et al.*, 2000, p. 161). Grimm, à época de sua constatação, esteve absorvido de um furor patriótico romântico (ROBINS, 1979), de tal maneira que, aparentemente, não apenas não se apercebeu do valor científico de sua descoberta — utilizando-a como uma forma de exaltar a nação alemã em razão de seu envolvimento direto e de sua simpatia com os ideais do Romantismo (ROCHA; FARIA, 2018) —, como também não se incomodou com as aparentes exceções com as quais se deparou. No entanto, toda a Linguística do século XIX se voltou para elas (AUROUX *et al.*, *loc. cit.*), e um “grande volume de pesquisas” foi dedicado “às alterações fonéticas nos diferentes ramos das línguas indo-europeias”, que teve por efeito “a explicação de muitas das correspondências aparentemente irregulares notadas pelos primeiros estudiosos”, conforme escreveu Lyons (1979, p. 29). O deslocamento provocado pela sua descoberta da mudança fonética regular foi que constituiu a verdadeira revolução epistemológica em Linguística, e não a simples constatação da mesma, como se verificou.

Já se demonstrou que a formulação, por Grimm, da primeira lei de mudança fonética dos estudos linguísticos influenciou a descoberta de uma “nova ordem dos fenômenos”, conforme apontou Saussure. Voltemos a este ponto. Em suas considerações a respeito da Linguística Histórica, é possível perceber o lugar que o autor ocupa na formação da Linguística do século XIX. Para além de o linguista genebrino reconhecer o estudo fonético como “uma das partes essenciais da ciência da língua”, e concebê-la, por sua vez, como o estudo próprio de “uma ciência histórica; analisa acontecimentos, transformações que se move no tempo” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 67), ele afirmou que foi o estudo histórico quem permitiu à Linguística, primeiro, tornar-se uma ciência propriamente dita, mas também perceber como a língua vive e as duas ordens que lhes são próprias, assim com as duas partes da Linguística (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 124, 142). Ora, mas o estudo histórico propriamente dito foi introduzido por Grimm; foi o “ilustre germanista” quem “colocou as datas nas gramáticas e dispôs os fatos sucessivamente”, quem permitiu que se desfizesse a visão de que, na linguagem, existem séries de padrões sem explicações e “exceções sem causas” (BRÉAL, 1882, p. 296-7), o que foi reforçado após as explicações às aparentes exceções de sua “lei”, que demonstraram o princípio de regularidade das mudanças fonéticas em que acreditavam os Neogramáticos (FARACO, 2007, p. 143) e seu caráter condicionado (CAMPBELL, 1999, p. 141-2). Reconhecê-lo resultou, em Saussure, na própria percepção do funcionamento dos estados linguísticos, estranhos às mudanças, mas por elas condicionados, devido à sua “ação cega”, exatamente em razão das consequências que essas transformações cegas produzem no sistema linguístico; geram-se um novo sistema e novas relações, que passam a “assinalar significações” e a portar distinções (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 126-7); isto é, que passam a constituírem-se fatos quando em uma ordem sincrônica, mas que

são resultados em uma ordem diacrônica (*Op. cit.*, p. 140). Essa perspectiva foi “inspirada pela Linguística Histórica”, e faz-se necessário distingui-la da Linguística Estática (*Op. cit.*, p. 127, 140).

Com isso, não se quis classificar a distinção de Saussure como um desenvolvimento direto do trabalho de Grimm. Pretendeu-se demonstrar como os desdobramentos teóricos de sua lei de mutação consonantal, ainda no século XIX, assim como a introdução de uma metodologia nova, possibilitaram o reconhecimento de fenômenos novos em Linguística. Afinal, foi à Linguística Histórica que Saussure atribuiu a possibilidade de se perceber “uma nova ordem dos fenômenos”. As mudanças fonéticas, ao atingir “somente o fonema isolado, ao passo que a palavra, enquanto unidade, lhe é estranha”, provocam a alteração em um dos elementos do sistema; no entanto, por ser regular, altera este único elemento sempre que este ocorra em um dado ambiente linguístico. O resultado é a geração de um novo sistema, de novas relações, sem que, por sua vez, tenha sido alterado o conjunto. É a sua realização em um sistema rigorosamente disposto, isto é, na Língua, que permite a sua ação cega e imperativa, na medida em que se realiza em um número de casos, permanecendo, em si mesma, única. “[...] Os fatos diacrônicos são particulares; a modificação de um sistema se faz pela ação de acontecimentos que não apenas lhes são estranhos, como também isolados, sem formar sistemas entre si”, nas palavras do autor. Na Diacronia, portanto, não é a língua que se percebe, “mas uma série de acontecimentos que a modificaram”. Logo, os termos sucessivos e os termos coexistentes em um estado constituem fenômenos de natureza diferentes, o que impede de “fazer de uns e de outros a matéria de uma única ciência”. O linguista “que queira compreender esse estado deve fazer tabula rasa de tudo quanto o produziu e ignorar a Diacronia” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 123-37, 241).

Por sua vez, é a ação cega das mudanças fonéticas que permite visualizar a reorganização do sistema linguístico e as relações estabelecidas, a partir da mutação, entre as formas coexistentes; isto é, os diferentes “arranjos” entre os estados. É pelo fato de a Língua constituir-se em um sistema, no qual imperam as relações entre as unidades, que a mudança linguística em um elemento impõe-se ao conjunto, gerando um sistema novo. E, nas palavras de Benveniste (1976, p. 5), “a simples comprovação da mudança e a fórmula de correspondência que a resume possibilitam uma análise comparada de dois estados sucessivos e dos diferentes arranjos que os caracterizam”. No entanto, estudar a mudança e os estados constituem tarefas distintas. Tornou-se, pois, necessário delimitar os estudos históricos, assentados na comparação dos fonemas e ignorando-se as consequências da mudança para o sistema linguístico, e os estudos estáticos, em que se observaria o funcionamento de um estado de língua, abstraindo-se as transformações. Consequentemente, restabeleceu-se, então, “a Diacronia na sua legitimidade, enquanto sucessão de Sincronias” (BENVENISTE, *op. cit.*). Tem-se, portanto, duas ordens, para as quais dois estudos, duas Linguísticas, são necessários.

Conforme Silveira (2007, p. 54) o enunciou, em referência a uma passagem do *Mémoire* (1879) de Saussure, não é possível formular um “caminho claro” que tenha levado o autor das leis fonéticas à noção de sistema — especialmente a partir da análise do *CLG*, que é a ênfase deste trabalho. Ainda assim,

Não há dúvida quanto ao reconhecimento, por Saussure, da necessidade de uma mudança de metodologia. Ou melhor, que a própria metodologia que leva ao estabelecimento das leis fonéticas pode dar visibilidade a um sistema. Sistema esse a ser apreendido por uma outra metodologia (*Op. cit., ibid.*).

Afinal, “no estudo sincrônico [...] o linguista trabalha com fatos e princípios que nada têm de comum com aqueles que o fariam descobrir a história dessa mesma língua [...] O ideal seria que cada estudioso se dedicasse a uma ou outra de tais pesquisas”. Em outras palavras, um estudo que se ocupe dos “termos que se substituem” sem formar sistemas entre si, e outro que trate das consequências das substituições e se ocupe “das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas”, pois “[...] um é uma relação entre

elementos simultâneos; o outro, a substituição de um elemento por outro no tempo, um acontecimento” (*Op. cit.*, p. 133, 142). Isto, por si só, impede a reunião de fatos “tão díspares” na mesma disciplina (*Op. cit.*, p. 127). Se não foi Saussure quem efetivamente descobriu a distinção que se veio a constituir no “corte epistemológico” — percebida pelo “espírito da época” —, foi a ela que o autor atribuiu a possibilidade de uma ciência Linguística (CRUZ, 2016, p. 71); e, nas palavras de Jean-Louis Chiss (*apud* CRUZ, *loc. cit.*), foi pelo “pleno reconhecimento dessa dualidade” que Saussure se distinguiu de seus antecessores, de modo que “a distinção Diacronia/Sincronia aparece, mais que a oposição Língua/Fala, como o passo fundador no projeto saussuriano”. Se não é possível estabelecer como Saussure foi conduzido a essa distinção a partir da Diacronia, é possível recuperar, no *CLG*, os indícios do papel da Linguística Histórica e dos estudos das leis fonéticas, cujo princípio da regularidade assentou-se na descoberta realizada por Jacob Grimm, na percepção do funcionamento dos estados de língua.

A partir dessa discussão, concluiu-se que, se a Grimm foi reservada uma posição periférica no *CLG*, é possível atribuí-la às suas conclusões sobre o fenômeno linguístico. É preciso ressaltar que os estudos de Grimm inseriram-se no contexto de exaltação da língua alemã provocado pelo Romantismo, o que o conduziu a uma “entusiasta e ingênua explanação” e a uma “atitude mística” sobre a linguagem (CAMARA JR., 1975, p. 43), na medida em que, sob a ótica romântica, a língua consistia em um reflexo da mentalidade de um povo. Ainda sob a influência do movimento romântico, Grimm concluiu serem as transformações linguísticas parte de um processo de decadência das línguas em relação a um estágio anterior de perfeição (MORGURPO DAVIES, 1998, p. 139). Trata-se de uma visão organicista em Linguística, não da mesma natureza que aquela associada a Schleicher, mas igualmente criticável para Saussure, pois concebia o desenvolvimento do fenômeno linguístico como regido por leis internas, a despeito da participação do sujeito falante (*Op. cit.*, p. 87). De todo modo, apesar de o autor ter introduzido a dimensão histórica em Linguística, ainda não passou de uma “simples comparação”, o ponto falho da Gramática Comparada para Saussure, tampouco conseguiu distinguir os pontos de vista sincrônico e diacrônico, outra falha da Gramática Comparada apontada pelo autor genebrino (CULLER, 1976, p. 62). O efeito da descoberta de Grimm escapou-lhe e coube à posteridade levá-lo adiante e tirar-lhe todas as consequências teóricas e epistemológicas, sobretudo após a “aplicação generalizada da metodologia que inaugurou”, o grande fator que revelou a interpretação epistemológica falha de Grimm (AUROUX *et al.*, 2000, p. 161). Com Saussure, entretanto, resultou na afirmação precisa da dualidade em Linguística. Subentende-se, por sua vez, que o *CLG* traz um olhar para Grimm enquanto um linguista de seu tempo, sem atenção aos efeitos de seus estudos para a posteridade, embora os deixe transparecer nas entrelinhas. Por sua vez, a reconstituição de seu percurso na Linguística e uma releitura do *CLG* permitem identificá-lo, como notou Auroux e outros (2000), como um dos fundadores da Linguística.

Antes de finalizar, é preciso, porém, reconhecer que o *GLG*, embora possa ser considerado uma obra saussuriana legítima, como o é neste artigo, foi organizado por editores que, para além de não terem frequentado os cursos ministrados por F. de Saussure em Genebra, inverteram a ordem do que o mestre abordou nos mesmos, trazendo para a parte inicial do *Curso* aquilo que, de fato, consideravam ser uma grande novidade para a ciência Linguística em relação aos seus contemporâneos; isto é, a Sincronia. Isto, talvez, justifique o apagamento de Grimm no *CLG*, de modo que uma investigação mais aprofundada, não pertinente nem compatível para/com os limites deste trabalho, merece e será realizada, sobretudo com os manuscritos saussurianos, que podem revelar algo completamente diferente daquilo que nos é fornecido no *CLG*, quiçá, um reconhecimento ou uma crítica explícitos.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain; BERNARD, Gilles; BOULLE, Jacques. *Histoire des idées linguistiques, Tome 3: L'hégémonie du Comparatisme*. Liège-Bruxelas: Pierre Mardaga, 2000.

_____. "Les Embarras de L'Origine des Langues". In: FRACCHIOLLA, Beatrice (Ed.). *L'origine du langage et des langues*. In : *Marges linguistiques*, 11, 2006: 58-92.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

BRÉAL, Michel. *Mélanges de Mythologie et de Linguistique*. Paris: Hachette Livre, 1882.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História da Linguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

CAMPBELL, Lyle. *Historical Linguistics: An Introduction*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1999.

CRUZ, Marcio Alexandre. "Pêcheux, leitor do Curso de Linguística Geral". In: CRUZ, M. A.; PIOVEZANI, Carlos; TESTENOIRE, Pierre-Yve (Orgs.). *Saussure, o texto e o discurso: cem anos de heranças e recepções*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

CULLER, Jonathan. *Saussure*. Fontada: William Collins & Co., 1976.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2.^a edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KOERNER, Konrad. "Jacob Grimm's Place in the Foundation of Linguistics as a Science". In: *Word*, 39 (1), 1988: 1-20.

LEROY, Maurice. *As grandes correntes da Linguística Moderna*. São Paulo: Cultrix, 1989.

LYONS, John. *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

MORPURGO DAVIES, Ana. *History of Linguistics*. Nova Iorque: Addison Wesley Longman Inc., 1998.

_____. "Saussure and Indo-European Linguistics". In: SANDERS, Carol (Org.). *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NORMAND, Claudine. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PAVEAU, Anne-Marie; SARFATI, Georges Elia. *As grandes teorias da Linguística: da Gramática Comparada à Pragmática*. São Carlos: Clara Luz, 2006 [2003].

ROBINS, Robert H. *Pequena história da Linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

_____. *Linguística Geral*. Porto Alegre: Globo, 1977.

ROCHA, Raul de Carvalho; FARIA, Núbia Rabelo Bakker. “Jacob Grimm: da exaltação da língua alemã à Linguística do século XIX”. *Revista da Anpoll*, 1 (45), 2018: 263-277.

SILVEIRA, Eliane. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

STURTEVANT, Edgar H. *Linguistic Change: An Introduction to the Historical Study of Language*. Chicago: University of Chicago Press, 1917.

Submetido em 01/12/2018

Aceito em 08/02/2019

Publicado em 21/03/2019